

# Missa do galo

Para Machado de Assis e demais autores de variações sobre esse conto. Para Vera Tietzmann Silva, estudiosa do assunto.

Lembro-me bem daquela noite de 2004. Eu trinta e cinco, ele dezessete anos. Natal. Nogueira combinara com seu colega de cursinho ir à missa do galo na Catedral Metropolitana, a fim de resgatar lembranças da infância em Catalão, rever Carolina, irmã desse colega, e cantar o nascer do sol no mundo dos adultos de verdade.

Quem é Nogueira? Sobrinho de meu então marido; um menino simpático que viera do interior para prestar vestibular e ficara morando conosco provisoriamente. Nossa casa é antiga, do começo de Goiânia. Está situada na Rua 24, centro, quase em frente do Instituto Cultural José Mendonça Teles. Antes éramos eu, Meneses, uma doméstica e minha avó. A velha casa dorme tarde, nossos costumes são modernos. Geralmente eu e Meneses nos recolhíamos em horários diferentes. Também tínhamos interesses diferentes. Talvez *interesses diferentes* fosse eufemismo para casamento aberto ou para equilíbrio entre nossas concessões.

Eu me chamo Conceição. Mas me tratam de Imaculada. Esse cognome me deixa bastante desconsertada. Sou extravagante literata, tenho fronte de anjo decaído, sorriso ambivalente, de Mona Lisa, pretensos encantamentos de Cleópatra, temperamento exaltado e olhos secos para grandes lágrimas. Considero-me uma mulher que sabe o que quer, de atitudes nada passivas. Capaz de amar e odiar com a mesma intensidade. Comigo: bateu, levou. Não embaçarei a mim mesma, diante de uma plateia de lantejoulas. Você acha, querido leitor, que uma jovem senhora com esse perfil poderia atender por Imaculada?

Meneses me viu de olho comprido para Nogueira. Mesmo assim viajou um dia antes do Natal para o Jalapão, com meu primo Aquiles, de Brasília. Para mim é conveniente acreditar em tudo que marido diz. E no que dizem seus amigos também. Por isso, nunca pude entender parte do diálogo que tivemos, quando ele observou:

— Você não sabe como lá é lindo, paradisíaco. Não há poluição do silêncio. A gente só ouve a voz da natureza. Qualquer dia você vai comigo para conhecer, quem sabe até pescar... Cortei-lhe a palavra:

— Não quero saber de deserto e areia, onde Judas perdeu as botas, deitando e rolando na sem-vergonhice.

E, na noite seguinte, de Natal, voltei a trabalhar em meu livro de poemas, *Quarta dimensão*, com a intenção de lançá-lo na 1ª Bienal do Livro de Goiás, em abril de 2005. Minha avó Inácia controlava o remoto entre Roberto Carlos e Pe. Marcelo Rossi, quando perguntou:

— Nogueira, que fará você até à hora da missa?

— Ah... folheio aqui *Moreninha*, de Macedo, o primeiro romance brasileiro (1844), cheio de lances passageiros e bem massa, na onda de meninas sonhadoras e frangotes de primeira viagem ou ingênuos como eu.

— Um rapaz estudioso como você deve alimentar-se bem. Terá fome, ao avançarem as horas. E, virando-se para a copa, solicitou:

— Marinete, traga, por gentileza, fatias de peru, queijo e pão integral. E também

um copo com suco de frutas para Nogueira. Não demorou muito e o lanche foi todo devorado.

Eu, Conceição Imaculada, estava ébria de mim mesma, em quatro dimensões, quando bateram onze horas no relógio de parede, tão velho quanto a casa. Acompanhando o ritmo das badaladas, ouvi, no corredor que dá para a sala da frente, os passos do estudante que se enfasiara da leitura, de consultas à internet e vinha na minha direção. Já pronto: calças jeans, blusa de moletom de algodão na mesma cor, tênis. E o celular do qual não se separa nem no banheiro. Notei na proximidade que estava desligado.

— Quantas horas deram? perguntou-me ele, puxando conversa, caminhando para o sofá.

— Onze. Tenha paciência. Fique frio. Ainda é cedo. E a Catedral está mesmo ali, além do próximo quarteirão.

Ao anoitecer, eu já havia inaugurado meu vestido branco de renda. Nas costas um decote mal apanhado que chegava à cintura. Como ainda não tive filhos, mantenho a forma e aquele ar ofuscante da atriz Maria Fernanda Cândido. Coloquei duas gotas de Chanel atrás da orelha direita e sentei-me do lado esquerdo de Nogueira, no canapé.

— A senhora vai sair? perguntou-me ele. Negar seria afirmar? perguntei para mim mesma.

— Não tenho certeza, ainda, respondi-lhe.

Nogueira fitou-me com olhar duvidoso, observando cada polegada resoluta de meu corpo. O galo-romanisco cantou pela primeira vez. Estranhei. Não deveria cantar à meia-noite?

— Imaculada, deve estar chegando a hora. Meu colega Felipe logo buzina, disse ele, com ar quase implume.

— Fale baixo, mais baixo. Ainda faltam quarenta minutos. Não o espere sozinho. Há o perigo de almas do outro mundo, fantasmas do cerrado. Curupiras correndo atrás de quem bota fogo no campo e destroi árvores podem invadir a cidade na madrugada.

— Quando entrei na sala, assustei a senhora, tia?

— Que é isso, meu garoto? Mas ... o que mesmo você pesquisava na internet? Já sei, era sobre o romance *Mongólia*, de Bernardo Carvalho, um dos indicados para o vestibular deste ano. E acrescentei:

— Você conhece *A carne*, de Júlio Ribeiro?

— Ouvi de relance alguma coisa sobre esse livro, quando o professor falou do realismo/naturalismo no Brasil.

— Pois é ... por causa de preconceitos provincianos esse naturalismo, como o da *carne*, foi ou é considerado imoral. Comentei, molhando os lábios e enfiando os olhos bem dentro dos de Nogueira. O estudante enrubesceu-se, sem tirar as vistas de mim e pareceu-me até bonito.

O relógio acaba de bater onze e meia. E cada segundo é um instante definitivo, creio que para ele e para mim.

— D. Conceição, vou esperar meu colega lá fora, na calçada. A senhora parece ter programa para esta noite, não quero jogar areia no seu ventilador.

— Não, meu rapaz, ainda é cedo. Ou conversa de coroa aborrece?

— Que coroa que nada, tia Conceição. A senhora está bem enxuta, com tudo em cima. O galo-romanisco cantou pela segunda vez, supondo espantar demônios e serpentes da noite.

Levantei-me sobre saltos de sandálias Gucci bordadas com cristais e, bamboleantemente, atravessei a sala. Postei-me junto à janela que dá para a rua, esbocei-lhe leve sorriso e deixei meus cabelos cobrirem metade do rosto. Acariciei

alguns objetos e beijei fotos que ornavam o aparador. Voltei por outro ângulo e posicionei-me diante do espelho, com Nogueira de permeio, me comendo com os olhos. Passei as mãos pelas ancas, virei-me para a esquerda, para a direita. Olhei o decote atrás. Que vivência teria esse garoto? Seria virgem? Será que nunca ouvira missa do galo? Poderia perder essa? Vi que o vidro me refletia textualmente: de dentro para fora, de fora para dentro, eu mesma, sem solidão, transbordando sentimentos.

\_\_ Nogueira, todas as missas são iguais.

\_\_ Concordo, mas na Capital e na Catedral Metropolitana deve ser bem maneira, mais light que no interior, não?

Pouco a pouco, sem querer mas querendo, fui me inclinando em sua direção, deixando à mostra meia taça de seios em cada lado do decote. E pude ver suas veias azuis delinarem mais claramente, intumescerem-se nos pulsos e palavras sem muito sentido saírem de sua boca, emendando assunto. Tinha olhos penetrantes e o nariz curvo, como se fizesse perguntas sem respostas. Nogueira se atrapalhava nos gestos, fechava o semblante e isso me enchia de gozo.

\_\_ Fale mais baixo, vovó já se recolheu e pode acordar. Sussurrei-lhe aos ouvidos, cruzando as pernas caprichadamente, mas sem vulgaridade. E continuei, tocando-lhe no braço:

\_\_ O quarto dela é longe, porém ela tem o sono leve e pode aparecer a qualquer momento. Diz que dormir é morrer; quer ficar bem viva e acordada o maior tempo possível.

O livro de Honoré de Balzac *A mulher abandonada e outros contos*, estava sobre a mesa de mármore. Apontei-o para Nogueira:

\_\_ Gosta de contos? A falta de tempo nos empurra para narrativas curtas. Porém o conto que dá título a essa obra é longo, quase uma novela. Você já leu Balzac?

\_\_ Tô por fora, nunca ouvi falar sobre esse autor. É brasileiro?

\_\_ Não, é francês, do século XIX. Seu vasto painel literário está na *comédia humana*. Ele se inspirava nos costumes parisienses da época e em pessoas da vida real.

Coincidentemente nossas mãos se tocaram ao pegar *A mulher abandonada* sobre a mesa. Olhei para Nogueira com olhos pedintes, teimosos em não arredar de sua boca trêmula.

\_\_ Nossa! desliguei-me da hora e da missa, disse-me ele.

\_\_ Mais baixo, cochichando... Sussurrei-lhe, quase encostando os lábios no lóbulo de sua orelha esquerda. As pausas, os silêncios pareciam gritar para nos confundir as impressões. E não se espante, querida leitora, não mudarei de rumo. Nesse momento Nogueira, que era apenas simpático, transformara-se em Thiago Lacerda. Um cheiro quente de jambo maduro saiu de sua boca, meu coração bateu na garganta. Tremi de frio e calafrio, arrepiei-me toda e me recostei sobre seus ombros. Meu Deus! de onde vem o que sinto? Perguntei-me. O galo-romanisco cantou pela terceira vez.

Meus olhos deslocaram-se para Meneses abraçado comigo, numa foto que pendia da parede em frente. Olhei para Nogueira com olhos compridos:

\_\_ Esse pôster está ficando velho, manchado.

\_\_ É muito bonito, respondeu-me. E a senhora, minha tia, está com cara de santa nessa foto. Meu tio é que usa Jalapão como eufemismo para suas puladas de cerca.

Uma voz ecoou lá fora:

\_\_ Nogueira, a missa do galo, do galo, do galo. Era Felipe no jardim da entrada. Ao se retirarem, me deram adeus com as mãos.

\_\_ Está levando a terceira chave? perguntei a Nogueira.

\_\_ Claro, tia. De manhã a gente se fala.

O viúvo Rubião, nosso vizinho, com quem me casaria em segundas núpcias, em

maio de 2005, chegou logo em seguida para levar-me ao Castro's Park Hotel: Castro's Gold. Meneses falecera em acidente de carro na Rodovia Belém-Brasília, sobre ervas daninhas e pedregulhos, ao retornar das festas de Ano Novo (2005). Sabe quem morreu com ele? Rita Nava, olhos de *espasmo* (Gostaria de dizer outra palavra que rima com essa) e *odor di femina*, incorporados aos jogos de serpente. Informaram-me, no funeral, que tinham um caso com rabiscos e contornos mais antigos que os desenhos rupestres do Piauí.

A virtude é lenta, preguiçosa, cheia de confiança. Não pega no pé. O prazer e a astúcia costumam ser mais rápidos, tensos ou dissimulados. Não era Rita quase uma filha para mim? Porém... há mais coisas no céu e na terra do que supomos em nossa rasa filosofia, não é Shakespeare? Nava fingia não querer querendo. E Meneses ficou ali, rondando sua casa, em seu dom-juanismo de raposa-macho. Na cola do objeto de desejo, babando, vendo se dava *liga*. Deu tanta que morreram juntos, no mesmo suspiro. Informaram-me no funeral.

Agora o morto desdenha de mim, com sua capa de liberdade e sua franqueza de defunto. E tem plateia do lado de cá para aplaudi-lo. Parece que são mais de onze amigos. Parecer é coerente com a realidade de ser? Graças a Deus esse homem não deixou filhos, não transmitiu a nenhuma criatura o legado das contradições e das safadezas humanas.

Nogueira ainda *fica* com Carolina, irmã de Felipe, mas me visita, telefona e passa e-mails regularmente. Nos finais de semana ele (Nogueira) e eu viajamos numa van com nossa tribo fissurada por baladas. Pirenópolis, Piracanjuba, São Luís dos Montes Belos, ou cidades mais próximas de Goiânia. Rodopiamos até raiar o dia.

Eu-narradora fecho a cortina da sala na primeira pessoa, dizendo que Rubião não é pobre nem louco. Fica me esperando. É um santo esse segundo marido!

[www.erciliamacedo.com.br](http://www.erciliamacedo.com.br)

**\*Ercília Macedo-Eckel** é membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, sócia da União Brasileira de Escritores – GO e da Academia Petropolitana de Letras – RJ. Mestre em Letras e Linguística pela UFG.